Resumo expandido
II Colóquio Internacional do Antigo Egito e Oriente Próximo
Universidade de São Paulo
2017

A ARTICULAÇÃO DAS DIMENSÕES EXTERNA, MACRO E MICRO DA ECONOMIA DO IMPÉRIO EGÍPCIO NO PERÍODO RAMÉSSIDA

THOMAS HENRIQUE DE TOLEDO STELLA
Mestre em Desenvolvimento Econômico pelo IE/Unicamp
Bacharel e Licenciado em História pela FFLCH/USP
thomasdetoledo@yahoo.com.br

A economia do Antigo Egito durante o Novo Reinado alcançou um momento de apogeu, em particular durante o Período Raméssida, que compreende as 19ª e 20ª dinastias (1295-1063 aEC). Naquele contexto, o Antigo Egito possuía uma extensão imperial por parte da África (Núbia e Líbia) e Ásia (Sinai, Palestina e Levante), com o desenvolvimento do comércio terrestre e também marítimo nos mares Mediterrâneo e Vermelho. A produção encontrava-se diversificada e os templos, especialmente o "Domínio de Amon", eram grandes agentes econômicos. Havia um mercado de produtos locais e importados, movimentado pelo pagamento dos salários dos trabalhadores. A apresentação visa buscar um modelo de entendimento desses diversos setores econômicos de forma integrada.

A questão levantada é: seria possível entender a economia do Antigo Egito a partir da categorização de três dimensões – externa, macro e micro? Como elas integravam-se de modo a formar um conjunto dinâmico que levava ao desenvolvimento das forças produtivas?

Como hipótese, entende-se que é possível usar tais parâmetros para se estruturar o entendimento da economia egípcia antiga e assim verificar de qual maneira eles se integram. Sugere-se que o Estado imperial egípcio apropriava-se de recursos produzidos internamente e captados externamente, e redistribuía-os injetando nas esferas macro (doações a templos, obras públicas) e micro (pagamento de salários, comércio). Tais recursos tinham efeito multiplicador na economia e dinamizavam mercados locais de troca de produtos, que usavam certos bens e unidades de medida como equivalente de troca. O fluxo de tais recursos significava uma economia em atividade e seu refluxo, resultava em crise.

O objetivo do trabalho é, portanto, analisar como articulavam-se essas três dimensões econômicas: a) a externa, resultante da relação do Império Egípcio com seus domínios e o exterior; b) a macro, que compreende o papel do Estado na taxação e redistribuição de recursos aos principais agentes econômicos internos; c) a micro, que se expressava na importância do pagamento em salários das atividades oficiais de trabalhadores, o que dinamizava a circulação de mercadorias.

Resumo expandido
II Colóquio Internacional do Antigo Egito e Oriente Próximo
Universidade de São Paulo
2017

Como metodologia, o estudo revisa uma bibliografia descritiva e analítica da economia imperial egípcia, em cada uma das referidas dimensões, considerando os recentes desenvolvimentos identificados por Garcia (2014). Dados quantitativos do *Papiro de Harris* foram tabulados para se compreender dimensões, realizar comparações e extrair percentuais das informações. Sugere-se um modelo sintético baseado no conceito de demanda agregada de Keynes (1985) e Kalecki (1985), de acordo com a proposta teórica de Warburton (2000).

Considera-se como setor externo da economia, as relações do Império Egípcio com os territórios conquistados e outros reinos e regiões no Oriente Próximo e Mediterrâneo, no contexto do final da Era do Bronze. Elas geravam excedentes a partir de saldos comerciais (exportação e importação), taxações em territórios ocupados, lucros por exploração de trabalho compulsório, mineração, produto da pilhagem e guerra, assim como trocas de presentes. Uma vez egressos na economia doméstica, eles eram apropriados e redistribuídos. Como para a abrangência deste trabalho seria impossível quantificar tais dados, para o entendimento desta dimensão, em particular das características do Império Egípcio, foram revisadas a bibliografia de Buzby (2002), Shaw (2000), Vercoutter (1998) e Kemp (1978).

Para a dimensão macro, dois papiros ajudam a compreender como o Estado faraônico relaciona-se com as grandes unidades econômicas, no caso, com os templos. No *Papiro de Harris*, referente ao reinado de Ramsés III, foram contabilizadas as características econômica, a produção local no período e as doações do Faraó aos principais templos (Karnak, Heliopólis e Mênfis, e outros). Este documento foi traduzido ao inglês e interpretado na obra organizada por Breasted (1906). A partir de dados brutos, foram atualizados os números para padrões contemporâneos e montadas as tabelas: 1) "A importância dos Templos na Economia Egípcia no Período Raméssida"; 2) "Produção dos Templos durante os 31 anos do Reinado de Ramsés III"; 3) "Doações de Ramsés III aos Templos Egípcios". Quanto aos diferentes tipos de taxação da terra, eles são reveladas no *Papiro de Wilbour*, em categorias de uso, posse e propriedade. Foram apresentados sinteticamente a partir dos comentários de Gardner (1948).

Para se entender o que pode ser chamado de esfera microeconômica, utilizou-se do estudo dos materiais compilados dos óstracos, papiros e achados em Deir al-Medina. Eles possibilitam interpretar as relações econômicas no cotidiano, desde o pagamento de salários por parte do Estado aos trabalhadores envolvidos na construção das tumbas reais até a variação de preços de mercadorias. Foram referências os trabalhos de Cerny (1973), Jansen

(1975) e Mandeville (2015) e os gráficos e tabelas compilados e organizados no texto de Lull (2008) foram usados como exemplos das flutuações de preços.

Dada a limitação do estudo da apresentação, os dados do setor externo não foram, portanto, passíveis de serem contabilizados e analisados por não estarem disponíveis. Os dados macroeconômicos do *Papiro de Harris* foram os que melhor puderam ser trabalhados, enquanto os do *Papiro de Wilbour* só tiveram condições de serem mencionados. Como os autores dos estudos microeconômicos citados desenvolveram bem esses dados, foi lhes emprestado o que já estava sistematizado para ajudar na construção deste trabalho.

Apartir da análise dos dados do *Papiro de Harris n*a obra de Brestead (1906), foi possível compreender o enorme peso do Domínio de Amon no contexto da economia egípcia antiga. Considerando o conjunto da mão de obra empregada nos três maiores templos e nos menores, o de Amon (Tebas) tinha sozinho cerca de 80%, ou 86,5 mil pessoas. O de Rá (Heliópolis) possuía 12 mil empregados e o de Ptah (Mênfis), 3 mil trabalhadores. Em termos de povoados, o de Amon tinha 65 sob sua jurisdição e o de Rá, outros 103; vale mencionar que o de Amon possuí ainda 9 vilas no exterior. Em termos de terras cultivadas, o Domínio de Amon era proprietário de 2,3 mil km2 e 433 fazendas/vilarejos ante 437 km2 do de Rá, com 64 fazendas/vilarejos. Em quantidade de cabeças de gado, novamente o Domínio de Amon mostrava sua riqueza, com 421 mil, enquanto o de Rá tinha apenas 45 mil. Finalmente, barcos, o Domínio de Amon possuía 83, enquanto todos os outros juntos tinham apenas 5.

Durante os 31 anos do reinado de Ramsés III, segundo o *Papiro de Harris*, os templos tiveram produção de diversos bens. Provavelmente os minerais “produzidos” foram extraídos de canteiras ou adquiridos. O Domínio de Amon obteve mais de 52 kg de ouro, praticamente 1t de prata e 2t de cobre. Vestimenta, o Domínio de Amon produziu 3,7 mil unidades, o de Rá 1 mil e o de Ptah apenas 134. Considerando o total dos templos, o Domínio de Amon foi responsável por 68% da produção de incenso e de 90% dos vinhos, ou 25 mil jarras.

As doações registradas de Ramsés III mostram que os templos não recebiam doações proporcionalmente ao que já possuíam de riqueza. Ao contrário. Cerca de 47% do ouro e 40% da prata doados pelo monarca foi destinado a templos menores e 40% do ouro e 37% da prata ao Domínio de Rá, ficando apenas 5% do ouro e 14% da prata ao de Amon. Este domínio recebeu 48% do lápis lazúli, material oriundo do exterior. O cobre, 75% era distribuído aos templos menores, 64% da mirra ao Domínio de Amon e 50% dos tecidos ao Domínio de Rá.

Em números absolutos, as doações aos templos totalizaram 404 kg de ouro, 667 kg de prata, 3,2 kg de lápis, 1,7t de cobre e 882 kg de mirra.

Esses dados, portanto, revelam que os templos eram unidades econômicas ativas e desenvolviam atividades produtivas tais como extração de minérios e produção de bens como tecido e incenso. Produtos oriundos do exterior como lápis lazúli e mirra vinham a partir de doações do rei. O Estado, através das doações do monarca, acabava por fazer uma redistribuição desigual dos recursos que nesta ocasião e no contexto específico era em maior número aos menores templos. Aparentemente, o poder econômico do Domínio de Amon, de Rá e de Ptah fazia com que eles mantivessem uma produção que lhes assegurava menor dependência dos repasses reais. Dentre os três grandes, Ramsés III privilegiou o Domínio de Rá e os motivos disto precisam ser melhor investigados.

Com respeito ao setor micro da economia, foi apresentado o contexto do pagamento dos salários aos operários construtores de tumbas reais do Vale dos Reis em Deir Al-Medina. A partir das fontes mencionadas, percebeu-se o problema de o "dinheiro" usado como pagamento ser uma "commodity", no caso o trigo e a cevada. A oscilação dos preços dos produtos fazia com que houvesse perda ou ganho do poder de compra, o que resultaria em efeitos similares ao que hoje se intende por inflação ou deflação. Isto pode estar relacionado ao movimento que levou os operários a realizarem uma greve no ano 29 de Ramsés III. O pagamento dos salários, assim como as doações reais, tinha efeitos multiplicadores.

Os setores externo, macro e micro da economia conjugados poderiam, portanto, sugerir um modelo de economia fechada para o qual se propõe uma fórmula considerando as variáveis. *Setor externo* (Ex): X – *Exportação*; M – *Importação*; T – *Taxação de territórios*; E – *Expedição extrativista*; P – *Presentes reais*; G – *Pilhagem de guerra*. *Setor macro* (Ma): O – *Obras e Produção* (do Estado e dos templos); D – *Doações/Redistribuição do Estado*; S – *Pagamentos de Salários*. *Setor micro* (Mi): C – *Consumo*; A – *Pequena produção artesanal*).

Em suma, o agregado econômico do Antigo Egito pode ser sintetizado na fórmula:

Ex + Ma + Mi = [(X-M) + T + E + P + G] + (O+D+S)+(C+A).

Este modelo não tem por objetivo calcular elementos de grandezas distintas, mas entender quais fatores colaboram para dar dinamismo à economia egípcia.

Como conclusões parciais, entende-se que o objeto de pesquisa levantado foi demasiado amplo para uma apresentação de alcance limitado, e que portanto, o tema precisa ser desenvolvido com o aprofundamento do estudo das áreas que foram superficialmente

analisadas. Compreendeu-se que a prosperidade do Período Raméssida está em grande parte relacionada à injeção de recursos por parte do Estado faraônico na economia na esfera macro e na micro, como já foi sugerido por Warburton (2000), e que o setor externo da economia imperial tinha grande contribuição no conjunto. A fórmula sugerida tem por objetivo simplificar o entendimento do agregado econômico do Antigo Egito, mas pode vir a ser modificada com a inclusão de outras variáveis importantes, ou mescla daquelas que possuírem peso pouco significativo no conjunto.

Considerando que a economia do Antigo Egito imperial era integrada (possuía setor externo e interno, este passível de ser subdividido em macro e micro) e que tinha por característica a constante produção de bens (obras públicas, produtos manufaturados, artesanatos, etc), ela pode ser considerada desenvolvimentista por se basear no crescimento das forças produtivas. Quando se considera que o fluxo de recursos no agregado econômico representava ascenso e que a redução do mesmo levava a crises, ela demonstra ser uma economia em movimento, que enquanto tivesse a presença do Estado e do mercado, ela jamais tenderia à estagnação. Sugere-se, então, que esta economia era integrada, desenvolvimentista e em movimento.

Palavras-chave: Antigo Egito, Economia, Ramsés

Referências

BREASTED, B. **Ancient Records of Egypt**. Volume 4. Chicago: The University of Chicago Press, 1906.

BUZBY. R. **Imperialism in Early New Kingdom Egypt**. Sidney: Kaleidoscope Eyes, 2002.

ČERNÝ, J. **A community of workmen in Thebes in Ramessid Period**. Cairo: Bibliotèque D'Étude, 1973.

GARDNER, A. **The Wilbour Papirus**. London: Oxford University Press, 1948.

JANSEN, J. **Commodity Prices from Ramessid Period**. Leiden: E. J. Brill, 1975.

KEYNES, J. **Teoria Geral do Emprego, do Juro e da Moeda**. São Paulo: Nova Cultura, 1985.

KALECKI. M. **Teoria da Dinâmica Econômica**. São Paulo: Nova Cultura, 1985.

KEMP, Barry. "Imperialism and Empire in New Kingdom Egypt (c.1575-1087 B.C.)" IN GARNSAY, P. & WHITTAKER, C. (orgs.). **Imperialism in the Ancient World**. Cambridge: Cambridge University Press, 1978.

LULL, J. "El Reino Nuevo II: la Época Ramésida" IN ORTIZ, J. (Org.), **El Antiguo Egipto**. Madrid: Marcial Pons Historia, 2008.

MANDEVILLE, R. **Wage accounting in Deir Al-Medina**. Wallasey: Abercromby Press, 2014.

GARCIA, J. Recent Developments in the Social and Economic History of Ancient Egypt. **Journal of Ancient Near Eastern History**. Bellingham, 1(2), p. 231–261, 2014.

SHAW, Ian. **The Oxford History of Ancient Egypt**. New York: Oxford University Press, 2000.

WARBURTON, D. Before the IMF: the economic implications of unintentional structural adjustment in Ancient Egypt. **Journal of the Economic and Social History of the Orient** Vol. 43, No. 2, pp. 65-131, Leiden: Brill, 2000.

WILKINSON, T. **The Rise and Fall of Ancient Egypt**. London: Bloomsbery, 2010.

VERCOUTTER, Jean. "O Egipto até o fim do Império Novo" In: LÉVÊQUE, Pierre (Org.). **As Primeiras Civilizações**. Volume I: os Impérios do Bronze. Lisboa: Edições 70, 1998.